



10 anos do Grupo Micorrizas na Troca de Saberes 13: em memória daquelas que partiram.

*10 years of Grupo Micorrizas in the Troca de Saberes 13:
in memory of those left*

TRIVELATO, Ananda Deva Assis¹; MOCKDECE, Hana Brener²; PRONSATO, Laura³; GOMES, Bruna Cássia⁴; MOREIRA, Fabio de Oliveira⁵; BARBOSA, Willer Araújo⁶

¹Produtora Micorrizas e Organização Cooperativa de Agroecologia, ananda@ocaagroecologia.org.br;

²Produtora Micorrizas, mockdece.hb@gmail.com; ³Docente Universidade Federal de Viçosa; laura.pronsato@gmail.com; ⁴Produtora Micorrizas, produtoramicorrizas@gmail.com

⁵Organização Cooperativa de Agroecologia, fabio.ufv@gmail.com; ⁶Docente Universidade Federal de Viçosa, wbarbosa@ufv.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: Este relato descreve a construção e apresentação artística da performance *Micorrizas : Em memória daquelas* que partiram vivenciada na Troca de Saberes 13, ano de 2022. Neste ano também se celebra em cena os 10 (dez) anos de existência deste grupo de arte e agroecologia, que surge no território da zona da mata mineira e se expande nos mais diversos espaços de interação agroecológica. O tema da performance se fragmenta do tema da Troca de Saberes que traz a memória das pessoas que partiram nos últimos anos de pandemia. As Micorrizas, desde 2012, constroem a performance com o olhar de inspiração interligado às nossas referências culturais, integrando dança, agroecologia e arte educação patrimonial em cena.

Palavras-Chave: dança; educação patrimonial; pandemia; arte.

Contexto

Há 10 anos o Grupo Micorrizas de Arte e Agroecologia se insere nos ambientes de interação agroecológicos trazendo, através de proposições artísticas, os anúncios e denúncias vivenciadas nestes contextos. O grupo se inicia a partir do desafio de trazer para a cena uma performance que anunciasse a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida na cidade de Viçosa (MG) no ano de 2012 durante a Troca de Saberes, evento organizado e efetivado na Universidade Federal de Viçosa. Assim surgiu o Auto do Boi Envenenado, que trouxe para a cena a discussão política sobre o não uso dos agrotóxicos, interligando com as questões de gênero no ambiente da agricultura familiar. As inspirações para o auto partiram do projeto Agroecologia dos Saberes/CNPq que, através das experiências com os mutirões, aproximaram os diálogos das realidades rurais da Zona da Mata Mineira. Entrelaçar arte e agroecologia traz a perspectiva de transformação através da arte-educação em cena, destacando aqui o potencial estético, artístico e agroecológico das ações.

Desde 2012, as Micorrizas se expandem em diversos momentos de construção da agroecologia: Mutirões, Intercâmbios, Terreiros, Caravanas, Congressos e



Simpósios. É um grupo itinerante com circularidade de sujeitos que se conectam e reconectam com a proximidade dos espaços, afirmando uma conexão de rede ritual, virtual e real. Durante os anos da Pandemia, o grupo não pôde realizar sua apresentação, e foram elaborados vídeos-dança marcando sua presença artístico-virtual nos diálogos da agroecologia. Os vídeos *Saudade de Outrora*; *Arte e Agroecologia conexão Micorrizas* e *Somos Todas Marias* estão disponíveis no canal Grupo Micorrizas Arte e Agroecologia¹.

As Micorrizas praticam a agroecologia reapropriando e valorizando os saberes tradicionais a partir da escuta e da reelaboração destes saberes na performance. Buscam trazer para a cena uma dança da transculturalidade, que vai refletir a diversidade presente na prática da agroecologia e expandir o campo de inspiração desta arte para os espaços rurais e periurbanos, mananciais de cultura popular. É com esta ação que refletimos também sobre a arte educação patrimonial (TRIVELATO, Ananda, D. A. ; MOCKDECE, Hanna, B. ; et al., 2020, s/p).

Em 2022, a Troca de Saberes anuncia sua retomada presencial de encontro, que seria híbrido, em um formato ainda adaptado ao fim de uma pandemia e aos cuidados que isso exige e por isso trouxe como anúncio o tema Curar, Levantar e Resistir: em memória daquelas que partiram. Neste mesmo ano, Micorrizas celebrou 10 anos e por isso se preparou através de sonhos, confluências, conexões para a performance que aqui será relatada.

Comunicar os anúncios e denúncias do contexto agroecológico através da performance, trazer uma estética orgânica e fazer a conexão entre confluências artísticas presentes nos mais diversos eventos têm sido um dos objetivos das Micorrizas em sua manifestação em cena.

Descrição da Experiência

Para iniciar a descrição da experiência, trago o relato de um dos coordenadores e idealizadores do evento Troca de Saberes, o educador libertário Willer Araujo Barbosa:

“A Troca de Saberes 13 aconteceu entre os dias 13 e 17 de agosto de 2022, ocupando o gramado escola no centro patrimonial da Universidade Federal de Viçosa, Zona da Mata Mineira. Abriu-se com um ato inter-religioso “Curar, Levantar e Resistir em memória daquelas que partiram” e encerrou-se com uma brilhante e emocionante apresentação do grupo Micorrizas de Dança e Agroecologia, inclusive em celebração dos seus 10 anos de existência. Entoando o canto da capoeira: ‘mandei mandei mandei ...mandei caiá meu sobrado, mandei caiá de amarelo ouro, caiê caiê caiê...’ no mote perpétuo dos sepulcros caiados a receber dignamente os mortos, donde humildade contra arrogância, de quem não pode se esquecer o fim dos seres vivos. Que o fim dos seres vivos será sempre o mesmo, ao pó retornarás. O sobrado como uma morada que contém mais andares que o nível da superfície do planeta pode se elevar aos céus em louvação de que

¹ Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/@grupomicorrizasarteeagroec7384>



transcende mas pode tornar-se subterrânea em sua descida ao níveis internos. O espetáculo que se inicia com as dançantes artistas entrando em cena carregando balaios repletos de pedras brancas depositando-os uma a uma sobre as linhas de cinco círculos concêntricos desenhados com serragem no gramado. Ao colocar as pedras brancas se enunciam nomes de entes queridos em nova despedida, a emoção cresce no átimo quando se anuncia a palavra: presente! presente! presente! Após cada pedra assentada, lágrimas escorrem dos olhos das aproximadamente 200 pessoas da assistência que passa a também tomar as pedras e a chamar aquelas que se foram: 'presente! presente! presente! Mandei caiá meu sobrado... mandei, mandei, mandei... mandei caiá de amarelo ouro... caiê caiê caiê'. Em um belo movimento, após as pedras serem reunidas em monturos nos próprios círculos aos pés, os pés caminham... e se lamentam pelas perdas, os braços deambulam como as asas do reencontro daquelas que partiram, viver a dança que se abre aos complexos movimentos da natureza... "Mandei caiá meu sobrado... mandei, mandei, mandei... mandei caiá de amarelo ouro... caiê caiê caiê." (Relato de espectador, Willer Barbosa, compartilhado com as dançarinas após a fruição da performance)

Este relato nos coloca na dimensão poética da performance e traz os elementos simbólicos que nos auxiliam a descrever a construção desta experiência em dança e arte agroecológica. Para iniciar os trabalhos, o grupo Micorrizas, as dançantes, nos reunimos semanalmente em reuniões on-line, e estudamos os símbolos que se manifestavam a partir do tema trazido pela Troca 13².

Iniciamos os diálogos destacando que o tema da Troca: "Em memória daquelas que partiram", gerou burburinho já que a grafia, mesmo sem querer, trazia uma referência de gênero. Algumas pessoas não concordavam porque, de acordo com elas, a palavra 'daquelas' especificava apenas às mulheres; porém, o argumento a favor foi o de que 'daquelas' se referia às pessoas, à vida de maneira geral. Foi feito um grande diálogo pensando em trocar 'daquelas' por 'daqueles' e finalmente o argumento que convenceu o grupo foi a partir do questionamento: "porque a gente se incomoda quando é feminino e não se incomoda quando é masculino?" Desejamos assim, que a performance pudesse também manter este burburinho e trabalhar na arte este lugar amplo, das vidas. Neste sentido, a performance manteve a frase do tema: "Em memória daquelas que partiram".

Em outro momento, uma das dançantes relata que estava no ônibus retornando de São Paulo ouvindo Arvo Part e se recordou que, antes da pandemia, estava realizando experimentações e improvisos com as pedrinhas brancas e várias imagens foram sendo criadas com as pedras no corpo como se elas representassem estampas e cicatrizes que vão sendo deixadas no corpo pela memória de outrem ou pelas experiências de vida marcadas no próprio corpo. Relatou-se também, que no oriente, quando alguém morre, os familiares e entes queridos, fazem um aglomerado de pedras no lugar onde a pessoa faleceu. Outra dançante aponta que para a cultura dos judeus as pedras também têm essa conexão simbólica com a morte e nos cemitérios, ao invés de flores se colocam pedras. Isto porque as pedras têm conexão com o mundo subterrâneo onde agora o

² Dançantes: Ananda Deva; Hanna Mockdece e Laura Pronsato.



ser se encontra, debaixo da terra. Ressalta-se que, uma das características das Micorrizas é o desenvolvimento artístico a partir e com as ancestralidades, e este percurso simbólico trouxe à tona a ancestralidade Judaica de duas dançantes do grupo. A partir de então a proposta foi experimentar entre nós o dançar com as pedras, equilibrar em várias partes do corpo, escrever o nome das pessoas nas pedras, pensar nas pedras acopladas ao corpo como marcas que carregamos, ancestralidades, pessoas que carregamos e já partiram.

Os sonhos se manifestaram como canal de conexão para organização dos diálogos que aconteceram, e assim foi compartilhado por uma das dançantes:

“Nós paradas, sentadas no gramado. Espectadores levando as pedras e colocando-as ao nosso redor, ou em partes do nosso corpo. Cada pedra é colocada dizendo o nome da pessoa que tá escrito nela seguido de "presente". Nos movemos depois de um tempo organizando essas pedras... sem muito movimento: construindo um ou 3 círculos. Depois construindo pequenas esculturas sobrepondo pedras. Depois nos movemos equilibrando as pedras em diferentes partes do corpo e depois o mesmo, porém uma colocando pedra na outra. A cabeça de boi pintada aparece também. Não sei como. Mas tava lá compondo a cena.” (Relato de dançarina do grupo enviado por meio de redes sociais após a experiência performativa)

Em relato de uma terceira dançante mais sonhos que ajudam a construir a cena são trazidos para o grupo:

“a cabeça do boi colorida se mexeu. Três pequenos círculos com pedras. Mas Círculo cheio, não só ao redor. Nós três em cima desses círculos: as pedras tinham raízes (no meu sonho, na performance fica só no imaginário); elas também são extensão dos nossos pés. Nos alimentamos dessas pedras (com nome daquelas que se foram); nos movemos como seiva correndo por nossos corpos. E estamos nos movendo segurando as cabeças que lembram a vida e nos protegem. Saímos dessa cena como bois bumba (sem a parafernália do corpo... só as cabeças mesmo), em direção ao público - me lembrei dos palhaços da Folia entre o espantar o perigo e o proteger.” (Relato de dançarina do grupo durante os processos de criação)

Tivemos a sensação de que a performance estava pronta e veio através dos sonhos. Em outros momentos do passado de construção da cena também tivemos essa conexão e podemos dizer que as micorrizas possuem, nestes 10 anos, todo um histórico de performances sonhadas e realizadas.

A cabeça de vaca/boi também entra em cena a partir da recordação de um sonho. No sonho, o cenário era de um mundo doente, e o povo havia descoberto que o que estava deixando o mundo doente eram as cabeças de boi enterradas, era preciso desenterrar e transmutar em arte. Para a construção da cena e do cenário performáticos, surge a ideia de trabalhar a partir das pinturas no estilo *La muerte mexicana* em ossos de cabeças de bois encontradas na região rural de Minas



Gerais. Tínhamos três dessas cabeças, mas no final, o cenário se configurou com uma única cabeça.

Foi através dos diálogos, memórias, trocas e sonhos que a performance “*Em memória daquelas que partiram*” se construiu e foi vivenciada na Troca 13 com um grupo de dançantes que se uniu àquelas que sonharam a obra. A performance então, foi apresentada por 8 mulheres entre dançantes e musicistas³. Com este relato de experiência relembramos que

“As performances pretendem retratar e pensar sobre o universo ancestral mítico e servir como um espaço de apreciação reflexiva, onde o cidadão possa se reconhecer. Isso porque ali reflete a sua própria história e a corporeidade do povo brasileiro. Desse modo, por meio de apresentações e interações artísticas entre público e performers, criam-se espaços de apreciação e reflexão artística, além da formação e conscientização de público” (TRIVELATO, Ananda, D. A. ; MOCKDECE, Hanna, B. ; et al., 2020, s/p).

Resultados

Nossas buscas seguem pelos caminhos de diálogos de memórias coletivas, ritualidades e ancestralidades, com percepções, emoções, corporificações individuais e coletivas das pessoas que puderam interpretar e compor a performance, em um processo de fortalecimento de diversos saberes da cultura. Movimentar o corpo, mostrar com a dança a resiliência, resistência, alegria e força daqueles que com muita festa mantêm nossas referências culturais ancestrais. Um trabalho que proporciona, mesmo não estando em cena, ser membro dessa obra.

Conecta a arte com a agroecologia na confluência da direção futura trazendo também para a arte da dança performance a Agroecologia na Boca do Povo.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Organização Cooperativa de Agroecologia OCA; ao ECOA – Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV; ao Departamento de Artes e Humanidades da UFV; ao Centro de Tecnologias Alternativas CTA; Escola Família Agrícola Paulo Freire - EFAP; ao Polo Agroecológico da Zona da Mata; ao Fórum de Entidades Mineiras Negras - FOMENE; à Escola Nacional de Energia Popular - ENEP; às comunidades da Bacia do Rio Doce e Zona da Mata de Minas Gerais, aos artistas, brincantes, performers que topam a confluência na cena Micorrizas.

³ Dançantes: Ananda Deva; Hanna Mockdece; Laura Pronsato; Livia Mara; Sayene Gonçalves e Nancy Cardona Cansas.

Musicistas: Ana Carolina Santos Silva; Bruna Gomes.



Referências bibliográficas

TRIVELATO, Ananda, D. A.; MOCKDECE, Hanna, B.; et al. Arte, Cultura e Agroecologia: sincronicidade Micorrizas in XI CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2019, São Cristóvão. Anais eletrônicos XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe. Associação Brasileira de Agroecologia, 2019. (Cadernos de Agroecologia, v.15, n. 2, 2020). Disponível em <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/4>. Acesso em agosto de 2023.